

DOIS LADOS DE UM DE PÓS-DOCTORADO: CAMINHOS DE APRENDIZAGENS (AUTO)BIOGRÁFICAS

TWO SIDES OF A POST-DOCTORAL COURSE: PATHS OF (AUTO) BIOGRAPHICAL LEARNING

Maria Helena Menna Barreto Abrahão¹
Wolney Honório Filho²

Resumo

Este texto traz uma reflexão sobre uma aprendizagem colaborativa desenvolvida numa experiência de pós-doutoramento, de agosto de 2009 a junho de 2010, na Faculdade de Educação, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Entendido como um processo de educação continuada, o pós-doutoramento é pensado e (auto)refletido tanto pelo aluno orientando, quanto pela professora orientadora.

Palavras-chave: Pós-doutorado, educação continuada, aprendizagem colaborativa, (auto)reflexão

Abstract

This text brings a reflection on a collaborative learning experience developed in a Post-doctoral Program, from August 2009 to June 2010, at the Faculty of Education of the Pontifical Catholic University of Rio Grande do Sul. Understood as a process of continuing education, the Post-doctoral Program is thought and (self) reflected by both the student advising, as the teacher advisor.

Key Words: Post-doctoral, continuing education, collaborative learning, (self-) reflection

¹ Docente e pesquisadora Titular DE na PUCRS. Líder do GRUPRODOCI – Profissionalização Docente e Identidade: narrativas na primeira pessoa. Pesquisadora 1 CNPq.

² Professor do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Goiás - Campus Catalão e Líder do NEPEDUCA – Núcleo de Estudos e Pesquisas em Educação de Catalão. EMAIL: whonoriof@gmail.com

Artigo recebido em agosto de 2010; aprovado em outubro de 2010

Introdução

Não sei se fui claro, não foste, mas não tem importância, claridade e obscuridade são a mesma sombra e a mesma luz, o escuro é claro, o claro é escuro, e quanto a alguém ser capaz de dizer de facto e exactamente o que sente ou pensa, imploro-te que não acredites, não é porque não se queira, é porque não se pode.³

O presente texto tem por objetivo narrar e refletir sobre uma experiência de aprendizagem, que estamos assinalando como colaborativa e desenvolvida durante o estágio de pós-doutoramento de Wolney Honório Filho, realizado no Programa de Pós-Graduação, da Faculdade de Educação, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, em Porto Alegre, sob a orientação da professora Dr^a. Maria Helena Menna Barreto Abrahão. Essa experiência aqui refletida é o próprio processo que configurou o pós-doutoramento, realizado de agosto de 2009 a junho de 2010. Ao final desse trajeto de formação continuada, resolvemos escrever sobre esse processo, buscando pensar o acontecido, a quatro mãos: um, o lado dele e, outro, o dela. Isso possibilitaria ao leitor interessado, tanto aquele que já passou por experiência semelhante, quanto os que pretendem seguir esse curso de aperfeiçoamento na carreira acadêmica, ver o que os dois lados têm a dizer, apropriando-se desse itinerário de molde a tirar as próprias conclusões.

A ideia de dois lados segue o fio de prumo que baliza o corpo do modo de registrar uma música, o disco de vinil, também chamado de LP. Hoje, os CDs trazem um conjunto de músicas que do ponto de vista espacial estão todos num único lado. O disco de vinil, porém, apresenta uma seleção musical em dois lados. Usamos esta metáfora aqui para realçar os lados diferentes de uma experiência, tomados não como se um fosse melhor ou hierarquicamente superior ao outro. Mas, relevando a possibilidade de que os dois lados estão jogando no mesmo time, colaborativamente.

Portanto, aqui urge uma escrita que fazemos de nós, de um período formativo. Há luz e sombras por vir, sobre o relevo que tentamos aflorar. E por ser carregada de escrita pessoal, característica marcante das (auto)biografias, certamente o exato fica cada vez mais distante e a narrativa prima por sua liberdade de ser ou não ser crível.

LADO A

³ Trecho de *A Jangada de Pedra*, de José Saramago.

Em tudo que dizemos
há sempre uma meia verdade
uma meia felicidade inteira
um rubor constrangedor
e um olhar imaginativo
que nos quer amor

as palavras são assim,
nos mostram, ao outro,
um pouco de tudo.

FAIXA 1

Reconheço que há uma complexidade dos sentidos e sentimentos mobilizados de agosto de 2009 a junho de 2010, período esse que me envolvi no pós-doutoramento. E esta história não começou aí.

No final de 2008, quando da gravação em áudio e vídeo das entrevistas com ex-professoras do Centro de Formação de Professores Primários de Catalão, o CFPPC⁴, passei a germinar a ideia de fazer um pós-doutoramento em Educação. Não sei dizer exatamente se antes, durante ou depois das entrevistas. O fato é que iniciei o janeiro de 2009 rascunhando o projeto “Memórias de Formação de Professores no Interior de Goiás (Catalão 1965-1983)”⁵. As primeiras frases apontavam uma seleção de intenções, envolvendo história e memória. Apesar das histórias de vida ainda não estarem claras, naquele momento, como estratégia metodológica de investigação científica em Educação e formação de professores, e que se fez fortemente presente nos resultados desta pesquisa⁶, a relação entre memória e sentimentos,

⁴ Projeto: *Memória viva: produção de novas fontes históricas sobre a cultura educacional e a formação de professores, no sudeste goiano*. Cadastro 33509, Universidade Federal de Goiás – Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação.

⁵ Projeto apresentado para o pós-doutoramento na FAGED/PUCRS – Faculdade de Educação – Pontifícia Universidade Católica de Porto Alegre.

⁶ Esta pesquisa resultou os seguintes produtos:

- HONORIO FILHO, W. A memória desenhada: identidades de um intelectual no interior de Goiás-Brasil. In: *Revista Actualidades Pedagógicas*, Nº 54. Ediciones Universidad De La Salle, Bogotá, Facultad de Educación, jul/dez 2009. ISSN: 0120-1700
- HONÓRIO FILHO, Wolney. Memória, Experiência e Educação: Programa de Treinamento de Professores em Curto Prazo no interior de Goiás (1965-1983). In: GONÇALVES, Ana Maria (org.) *Reflexões sobre experiência e educação*. Catalão: DPECAC, 2010.
- Texto: “Memória e Formação Docente: o uso de (auto)biografias na Formação do Professor”. IN: ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto (org.). *(Auto)biografia e Formação Humana*. Coleção: Pesquisa (auto) biográfica ∞ Educação. Natal/Porto Alegre: EDUFERN/EDIPUCRS, 2010.
- O texto completo aprovado no CIPA IV, São Paulo, 26-29 de julho de 2010: Título: EDUCADORAS PRIMÁRIAS: “UNIDADE DE TRABALHO É O CAMINHO DA SABEDORIA”.

força do projeto, indicava, de longe, possibilidades para a exploração desse veio. Mas o descaminho era muito mais forte do que um caminho seguro e certo.

Quando o projeto ficou pronto, anunciava-se outra interrogação: para quem enviá-lo, quem poderia me orientar e aceitar como aluno de pós-doutoramento? Não são perguntas simples, pois venho de uma formação no campo da História⁷ e desconhecia profissionais da Educação que pudessem me orientar.

Em uma das minhas buscas, no Google⁸, por pesquisadores em Educação, que trabalhavam com a temática da memória, encontrei um texto eletrônico da professora Maria Helena Menna Barreto Abrahão. Eu peguei o nome e procurei no Currículo Lattes, no site do CNPq. Felizmente a professora havia colocado o EMAIL na sua apresentação do Lattes. Eu não tive dúvida, apesar do sentimento de medo em receber uma recusa, enviei um correio eletrônico para a professora, com cópia do projeto. Eu estava especialmente ansioso, porque eu queria concorrer a uma bolsa pesquisador sênior no CNPq e precisava que alguém me aceitasse.

Para minha surpresa, a professora rapidamente respondeu o meu primeiro EMAIL:

data 17 de fevereiro de 2009 20:14
assunto Resposta Pós-Doutrado
enviado por uol.com.br

Oi, Wolney,

Acabo de ler seu e-mail, pois cheguei de viagem ao exterior e amanhã vou para a praia, já que estou em férias.

Li seu projeto e gostei muito. Também trabalho nessa linha de educação de professores, com pesquisa autobiográfica, como você sabe.

Tenho embasamento nos autores que você cita e em outros que com estes se pode estabelecer um diálogo. Trabalho também com identidade pessoal e profissional, o que acredito que você chame de “alma” em algum momento de seu texto.

Também vi seu currículo e acho que temos muito em comum. Se você desejar, creio que poderemos fazer um belo trabalho juntos e aprender um com o outro.

Se você optar por Porto Alegre, tenho a certeza de que vai gostar muito. É uma bela cidade e esta será uma forma de conhecer o sul (se ainda não conhece).

Temos na PUC colegas de outras universidades que estão fazendo o Pós-Doutoramento conosco.

-
- Resenha *Biografia e educação*, do livro DELORY-MOMBERGER, C. (2008). *Biografia e educação: figuras do indivíduo-projeto*. Natal: EDUFRRN, São Paulo: PAULUS. Esta resenha compõe também este dossiê.

•

⁷ Mestrado e Doutorado em História Social, realizados no Programa de Pós-Graduação em História, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, respectivamente em 1992 e 1998.

⁸ O ato de fazer uma pesquisa no Google já tem um nome: Googlar. Recebi esta indicação da Fátima Franca, coordenadora da lista de discussão do grupo de edublogueiros. Ver em http://br.groups.yahoo.com/group/blogs_educativos/. Acesso em 23/06/2010. O Wikcionário aponta Googlar como o mesmo que Guglar. Vem em <http://pt.wiktionary.org/wiki/googlar>. Acesso 24/06/2010. Guglar indica procurar algo no Google, um popular buscador de páginas na internet. Por extensão, procurar por algo na internet. Ver em <http://pt.wiktionary.org/wiki/guglar>. Acesso 24/06/2010.

Creio que a bolsa que você vai solicitar será suficiente, pois, se não me engano o Pós-Doc não é pago.

A PUCRS é uma bela universidade e nosso Programa terá plenas condições de oferecer a você toda a infra-estrutura necessária.

Agradeço a lembrança de meu nome e fico no aguardo.

Deverei retornar a Porto Alegre no dia 27 ou no 28, próximos vindouros.

Maria Helena

Minha resposta foi relâmpago:

17 de fevereiro de 2009 20:46

assunto : Re: Resposta Pós-Doutrado

enviado por gmail.com

Professora Maria Helena, fiquei muito contente com sua resposta. Estou pulando de alegria. Por ter feito mestrado e doutorado em História pensei que seria muito difícil alguém para ler o meu projeto. Agradeço de coração.

Sim, estou disposto a ir para Porto Alegre. Conversei com minha esposa e ela adorou a ideia também, apesar do medo do frio (rs).

Precisamos tomar providências quanto ao envio do projeto para o CNPq. Eu não sei qual o procedimento exato, se preciso de algo da sua parte, ou se é a senhora que precisa encaminhar alguma coisa. O que sei é que é pós-doutoramento senior, pois terminei o doutorado em 1998, portanto mais de 5 anos. A senhora tem ideia de como proceder?

O prazo no CNPq, como foi dito, é até 05 de março. Aguardo seu retorno e boas férias!

Para minha grande surpresa, e se não me falha a memória, no dia 19 de fevereiro de 2009 recebo um telefonema de Porto Alegre e do outro lado estava a falar comigo a professora Maria Helena. Que susto! Que surpresa maravilhosa! Esse movimento foi suficiente para naquele momento lançarmo-nos a um encontro fértil, não só de orientação científica, mas de troca de experiências, vivências e amizade.

Apesar de ter solicitado 3 vezes a bolsa ao CNPq, não fui contemplado. Mas consegui, de maneira inesperada, pelo descaminho que a vida nos oferece, “reencontrar o traçado para alcançar o sentido”, como diz Delory-Momberger (2008). Sem a bolsa, infelizmente não pude ir com a família morar 1 ano em Porto Alegre. Porém, os produtos finais dessa pesquisa mostram que a produção superou os limites de tempo e espaço.

FAIXA 2

Como o estágio de pós-doutoramento se relaciona com minha história de vida? Há um trecho da música da Maria Gadú que diz assim:

Todos caminhos trilham pra a gente se ver
Todas as trilhas caminham pra gente se achar,

viu
Eu ligo no sentido de meia verdade
Metade inteira chora de felicidade.⁹

Em uma das aulas que freqüentei da professora Dra. Maria Helena Menna Barreto Abrahão, com alunos do mestrado e doutorado da FACED/PUCRS¹⁰, ao falar sobre meu projeto, dei-me conta de que os estudos (auto)biográficos em educação é que me encontraram, e não fui eu que os encontrei. O trecho da música acima, *todos as trilhas caminham pra gente se achar*, fez sentido no meu caminhar. Antônio Nóvoa diz que a narrativa biográfica encontrou um campo fértil no seio da Educação. Segundo o autor:

Durante muito tempo o mundo foi visto como estrutura e como representação. Impõe-se, agora, vê-lo também como experiência, o que obriga à invenção de uma nova epistemologia do sujeito. Olhando para os livros escritos nas últimas décadas, surge de imediato a questão: onde é que estão as pessoas? (2004, p.09).

Talvez possamos dizer que as pessoas estão renascendo no interior das suas narrativas biográficas. No meu caso, perseguir a experiência do sujeito, pelo veio biográfico, veio ao encontro de uma pequena trilha que deixei no curso de doutorado, quando enveredei pelo estudo das músicas românticas cantadas por Ângela Maria, em 1954, quando foi rainha do rádio. Ao direcionar meu olhar científico para a propagação de músicas românticas, buscava a experiência amorosa, vivenciada pelos sujeitos comuns. Com as biografias educativas, retomo esse olhar, agora perseguido pelo interesse na formação das pessoas.

Para Josso,

A Biografia Educativa designa uma narrativa centrada na formação e nas aprendizagens do seu autor, que não é classificada “auto” na medida em que o iniciador da narrativa é o investigador e, por fim, que o interesse da Biografia Educativa está menos na narrativa propriamente dita do que na reflexão que permite a sua construção (1988, p.40, *grifo da autora*)

Delory-Momberger, de forma mais enfática, escreve que a história de uma vida acontece na narrativa.

O que *dá forma* ao vivido e à experiência dos homens são as narrativas que eles fazem de si. A narração não é apenas o instrumento da *formação*, a linguagem na qual esta se expressaria: a narração é o lugar no qual o indivíduo *toma forma*, no qual ele elabora e experimenta a história de sua vida. (DELORY-MOMBERGER, 2008, p.56. Grifos da autora).

⁹ Trecho da Música *Tudo diferente*. Compositor: André Carvalho. Canta Maria Gadú, no disco Maria Gadú, 2009.

¹⁰ Segundo semestre de 2009.

Os conjuntos dessas idéias foram se somando às longas conversas que fomos tendo, professora Maria Helena e eu; às leituras indicadas pela professora, especialmente aos livros que ela já publicou, bem como à coleção produzida nos CIPAs I, II e III¹¹; às leituras e participação em bancas de teses orientadas pela professora¹²; às leituras de teses orientadas, em outros momentos, pela professora. Após o exercício de participação nas 3 bancas de defesa em janeiro, com alunos orientandos da professora Maria Helena, avaliei essa experiência como altamente positiva, rica para minha (auto)formação, conforme destacado anteriormente. Daí nasceu uma ideia de ler outras teses orientadas pela professora Maria Helena. Em princípio, seria um exercício de conhecer mais, no estágio de pós-doutoramento, o trabalho da professora, através dos resultados de suas orientações. Isto não estava previsto no projeto inicial, porém apareceu com uma energia singular, dada a riqueza que encontrei na leitura e participação das teses em janeiro.

Os caminhos foram trilhados. Partimos de uma vontade de aprender. Encontramo-nos, Maria Helena e eu, na Faculdade de Educação (FACED) da Pontifícia Universidade Católica de Porto Alegre¹³. Esse encontro com a professora, uma exímia contadora de histórias, significou conhecer outros professores da FACED, a organização dos cursos, um pouco da sua história. História da qual passei a fazer parte enquanto aluno da FACED. Conheci também seus orientandos, especialmente Tatiana, Camila, Roberto e Cláudia, que amigavelmente me levaram para conhecer um pouco de Porto Alegre e cantar no Bar Marrocos.

¹¹ CIPA – Congresso Internacional de Pesquisa (auto)biográfica. O quarto CIPA irá acontecer em São Paulo. Ver em <http://www.ivcipa.fe.usp.br/>. Acesso em 24/06/2010.

¹² No mês de janeiro de 2010, participei de 3 bancas no Programa de Pós-Graduação em Educação da FACED-PUCRS. São elas:

1. KROEFF, Maria Bernadete Moreira *Histórias de vida: trajetórias de professoras no cenário político de Porto Alegre – Perfis (auto)biográficos no mundo contemporâneo*. Porto Alegre, FACED/PUCRS, 2010, 194p. Tese de doutorado. Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, PUCRS, Porto Alegre, 2010.
2. SANCHES, Roberto Cordeiro *Vidas de arte-educadoras*. Porto Alegre, FACED/PUCRS, 2010, 122p. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, PUCRS, Porto Alegre, 2010.
3. ERBS, Rita Tatiana Cardoso *O líder educador: Uma proposta de aprendizagem para a Indústria Petroquímica*. Porto Alegre, FACED/PUCRS, 2010, 171p. Tese de doutorado. Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, PUCRS, Porto Alegre, 2010.
- 4.

¹³ A bem da verdade, o primeiro encontro foi no Hotel de Trânsito, conhecido como Farrapos - Clube dos oficiais da Brigada Militar - <http://www.clubefarrapos.com.br/>, quando a professora Maria Helena foi me pegar, na minha primeira ida a Porto Alegre para o pós-doutoramento, em setembro de 2009. O Hotel de Trânsito foi um achado para quem tinha pouco dinheiro para viajar de Catalão para Porto Alegre e ter que se hospedar próximo à PUCRS.

FAIXA 3

Quando a gente se mistura
querendo aprender
se abrindo ao aprendizado
nos fazemos gente diferente
e isto nos torna especiais,
uns para os outros

este período que estivemos juntos
nos conhecendo
nos misturando
foi de fato renovador
um gol de placa
na seleção de ouro
de uma vida mais colaborativa.

Este é um poema que enviei para a Maria Helena, por EMAIL, dizendo da minha compreensão e satisfação por ter sido seu aluno/orientando/professor¹⁴. Esse tripé é uma imagem apropriada para essa estrada de mão dupla que foi esse pós-doutorado. Conhecer conhecendo o conhecimento do outro. Como que o encontro que fiz com algumas dezenas de pessoas, profissionais da educação, possibilitou-me descobrir um pouco mais de mim mesmo!

Esse aprendizado é difícil de expressar. Mas, ao escrever aqui essas meias verdades, porque as verdades inteiras esta narrativa não alcança, sinto a alma vazia, como que se saísse de uma euforia. Final de percurso? De forma alguma! Parcerias virão por aí.

E sem que se perceba
A gente se encontra
Pra uma outra folia¹⁵

¹⁴ De tanto a Maria Helena dizer que também aprendeu comigo, coloco essa característica que me é direcionada como parte desse tripé.

¹⁵ Trecho da música *Agonia*. Composição Mongol. Cantada por Oswaldo Montenegro. Disco Oswaldo Montenegro, 1980.

LADO B

Dame la maga fiesta, Dios, déjala en mi vida,
dame los fuegos tuyos para alumbrar la tierra,
deja en mi corazón tu lámpada encendida
y yo seré el aceite de su lumbre suprema.

Y me iré por los campos en la noche estrellada
con los brazos abiertos y la frente desnuda,
cantando aires ingenuos con las mismas palabras
que en la noche se dicen los campos y la luna.

Pablo Neruda (Crepusculario).

O Lado B não se apresenta com diferenciadas faixas, embora de idêntico estilo musical que forma um conjunto harmônico e temporal, como ocorre com o Lado A.

O Lado B se apresenta como uma peça de faixa única, uma “ária ingênua com as mesmas palavras com que na noite se falam os campos e a lua”, **uma sonata** talvez, em três movimentos. (Mozart, Haydn, Beethoven? Gosto de todos, mas sugiro Mozart).

PRIMEIRO MOVIMENTO: **FORMA-SONATA** (rápido)

A maior riqueza do homem
é a sua incompletude.
Nesse ponto sou abastado.
Palavras que me aceitam como sou - eu não aceito.

Não agüento ser apenas um sujeito que abre portas,
que puxa válvulas, que olha o relógio,
que compra pão às 6 horas da tarde,
que vai lá fora, que aponta lápis,
que vê a uva etc. etc.

Perdoai
Mas eu preciso ser Outros.
Eu penso renovar o homem usando borboletas.

Manoel de Barros (Memórias Inventadas)

Não é todo o dia que recebemos um e-mail de pessoa desconhecida nos perguntando sobre a possibilidade de ser por nós orientada, razão pela qual, superada a surpresa inicial, procurei conhecer professor Wolney.

Primeiramente, lendo o projeto de pesquisa que propunha para desenvolver no Pós-Doutorado, o qual muito me agradou, não só pela consistência e relevância da proposta como

um todo, mas porque trazia elementos inovadores, além de ir ao encontro de temáticas e aspirações de ordem metodológica, com as quais eu própria já vinha trabalhando.

A seguir, tentei ampliar esse conhecimento procurando pela produção do professor em termos acadêmicos: gestão, docência e pesquisa, o que não foi difícil localizar, ao visualizar o currículo Lattes do Wolney.

Como pedra de toque, desejei que a aproximação se fizesse de forma mais rematada. Conhecia um pouco do candidato à orientação de Pós-Doc pela leitura do projeto e pela análise da produção até então. No entanto, fazia-se necessário conhecer mais... . Como seria a **pessoa** Wolney? Devido às condições concretas do momento: distância de Catalão (Goiás) de Porto Alegre, onde ele reside e trabalha; custo de um deslocamento dessa natureza tão somente para uma entrevista e o fato de eu estar em férias, com viagem programada, resolvi que seria suficiente, para minha tomada de decisão, entrar em contato por telefone. O timbre da voz, o andamento do diálogo vivo e uma primeira troca de ideias, reforçaram minha primeira impressão (esta tão somente por meio do escrito) de que estabeleceríamos uma possibilidade de um trabalho rico tanto para a academia, como no âmbito das relações pessoais.

O conjunto das informações auferidas dessas três formas foi positivo para minha decisão, mas, em realidade, o momento decisivo, aquele em que percebi que poderia acontecer entre nós a dialética do ensinante/aprendente; aprendente/ensinante, foi a conversa efetivada por telefone. Percebi, claramente, que poderíamos manter um diálogo enriquecedor para ambos. Não errei.

SEGUNDO MOVIMENTO: **ADÁGIO** (lento)

O passado não é estável; ele não acode à memória nem com os mesmos traços, nem com a mesma luz. Apenas se vê apanhado numa rede de valores humanos, nos valores da intimidade de um ser que não esquece, o passado aparece na dupla potência do espírito que se lembra e da alma que se alimenta de sua fidelidade.

(A poética do devaneio) Bachelard

Aceito o projeto e estabelecida a parceria, imaginamos um curso de 1 ano, período em que Wolney viria residir em Porto Alegre, com a família. Em razão disso, ele estava pleiteando bolsa de Pós-Doutorado Sênior no país.

Em virtude de que Wolney não conhecia Porto Alegre, iniciei a procura de um apartamento próximo à PUCRS para ele alugar.

No entanto, a bolsa não lhe foi concedida e, ainda, a esposa, Lionilda, engravidou. Ambos os eventos quase resultaram em desistência. Estava posto um considerável desafio. Fazia-se necessária uma tomada de posição criativa que não elidisse o processo e que, de outra parte, não pusesse em causa, de maneira alguma, a qualidade e a validade do processo que estávamos prestes a iniciar.

Conservando o período total do curso (de 03 de agosto de 2009 a 31 de junho de 2010), optamos por diversas estadas de semana inteira em Porto Alegre¹⁶ que permitissem ao Wolney (como de fato permitiram, e mais do que isso, proporcionaram) vivenciar a pesquisa com o grupo que coordeno, o Grupo de Pesquisa Profissionalização Docente e Identidade: narrativas na primeira pessoa – GRUPRODOCI, bem como participar dos Seminários que ministro no Programa de Pós-Graduação, para o Mestrado e o Doutorado (Seminário Instrumental em Pesquisa (Auto)Biográfica I – Histórias de Vida e Seminário Instrumental em Pesquisa (Auto)Biográfica II – Investigação-Formação) e aulas na Graduação em que ministro a disciplina Contextos Educativos – pesquisa e prática, do primeiro semestre e o Seminário Integrador, do sétimo semestre. Também foi proporcionado ao pós-doutorando integrar-se com meus orientandos para estabelecimento de trocas e estudo na área e diálogos comigo no campo teórico-metodológico direcionado para o método (auto)biográfico de pesquisa e, também, para a análise dos resultados da pesquisa “Memórias de Formação de Professores no Interior de Goiás (Catalão 1965-1983)” que ele estava desenvolvendo em Catalão, como trabalho mais aprofundado do Pós-Doutorado..

Concomitantemente, novas atividades não programadas foram se acoplando: Wolney integrou duas bancas de doutorado e uma de mestrado, de orientandos meus que trabalharam com metodologia de histórias de vida, e leu, para posterior discussão comigo, diversas teses por mim orientadas. Participou, igualmente, de forma integral do I COLÓQUIO SOBRE PESQUISA (AUTO)BIOGRÁFICA e do III ENCONTRO PREPARATÓRIO AO IV CONGRESSO INTERNACIONAL DE PESQUISA (AUTO)BIOGRÁFICA – IV CIPA¹⁷, por mim coordenados e realizados na PUCRS, PORTO ALEGRE, nos dias 23 e 24 de novembro de 2009.

Essas as atividades presenciais aqui em Porto Alegre.

¹⁶ Para obviar essas estadias informei-me sobre diversas possibilidades – hotéis, apart hotéis – e obtive a informação sobre o Hotel de Trânsito dos oficiais da Brigada Militar, próximo à PUCRS, com muito bom atendimento e com diárias acessíveis (obrigada Marcos Villela, querido amigo!).

¹⁷ A quarta edição desse congresso ocorrerá na USP, de 26 a 29 de julho próximo vindouro.

Como atividades à distância, realizadas sob minha orientação via e-mail e conferência telefônica, Wolney efetivou a pesquisa adrede referida, in loco, e produziu artigo que foi aceito para publicação no exterior e para compor capítulos em livros, bem como para apresentação em importantes eventos no país e no exterior, dentre os quais se destaca o IV Congresso de Pesquisa (Auto)Biográfica – IV CIPA, a realizar-se na Universidade de São Paulo – USP, de 26 a 29 de julho, próximo vindouro.

TERCEIRO MOVIMENTO: **ALLEGRO** (enérgico)

Na rememoração reencontramos a nós mesmos e a nossa identidade, não obstante os muitos anos transcorridos, os mil fatos vividos.

Bobbio (O tempo da memória)

Difícil sopesar a relevância dos estudos realizados por Wolney em seu Pós-Doutoramento e os desdobramentos no futuro; igualmente difícil aquilatar o significado dessa experiência para mim, em toda a extensão.

Não obstante, sabemos que o processo foi rico de novos conhecimentos para ambos e, o mais importante, de um conhecimento do saber fazer: Wolney foi meu primeiro pós-doutorando¹⁸ – tive que pensar em uma metodologia de trabalho diferenciada da que venho trabalhando com os mestrandos e doutorandos que oriento¹⁹. Há mais de 12 anos Wolney é doutor, portanto, era um pós-doutorando sênior com experiência em pesquisa e outras atividades acadêmicas, com as quais eu teria que tratar de dialogar para ensinar, mas também para aprender. Se costumo trabalhar dessa forma com alunos da Graduação e com orientandos e alunos do Mestrado e do Doutorado, muito mais exigente foi criar uma metodologia de trabalho com um colega, mas não só, com um colega especial: concomitantemente um orientando de Pós-Doutorado. Havia, também, um complicador, como já referido: haveríamos de criar, de comum acordo, uma metodologia de trabalho híbrida – presencial/semi-presencial, que pudesse garantir um trabalho sério, qualificado e rico em produção. Produção, essa, já com projetos de trabalho conjunto para o futuro. A avaliação que fazemos, em toda a linha, é positiva.

Também se apresenta positiva a amizade que se iniciou e que se afigurou ainda mais expressiva no decorrer do processo.

Quanto ao Wolney, especificamente, houve outros ganhos:

¹⁸ Em verdade, o segundo a ser aceito no Programa de Pós-Graduação em Educação, da Faculdade de Educação, da PUCRS. Este processo é algo novo entre nós.

¹⁹ Até o momento, orientei 21 teses e 32 dissertações.

Foi brindado, no período, com a nascimento da Lyra, que veio juntar-se ao irmãos Nayran e Rudá. Quanto a este feliz acontecimento não tenho a mínima concorrência, é claro!

Sinto-me responsável, porém, por ganhos paralelos ao processo que, sei, terão profícua continuidade:

- a estada em Porto Alegre e participação no Grupo de Pesquisa Profissionalização Docente e Identidade: narrativas na primeira pessoa – GRUPRODOCI oportunizou ao Wolney contatos importantes com colegas que integram esse GP e com colegas que pesquisam na tradição (Auto)biográfica, cujos Grupos de Pesquisa têm laços de cooperação com o GP que coordeno, a saber: Paula Perin Vicentini (USP), Maria da Conceição Passeggi (UFRGN), Elizeu Clementino de Souza (UBA), Jorge Luiz da Cunha, Valeska Fortes de Oliveira e Helenise Sangoi Antunes (UFSM), Cleuza Dias (UFRG), Lúcia Vaz Peres (UFPEL) e Edla Eggert (UNISINOS);

- a orientação sobre leituras e posterior discussão de clássicos em Teoria da Pesquisa (Auto)Biográfica e de publicações teórico-práticas sobre essa tradição em pesquisa, como: Bolívar, Delory-Momberger, Josso, Larrosa, Nóvoa, Poirier et al., Ricoeur, Santamarina & Marinas, Soares, dentre outros, inclusive os já citados no LADO A. Em Teoria da Ciência e do Conhecimento, Sousa Santos;

- a participação que terá no IV CIPA, onde encontrará e poderá contatar pessoalmente com autores como Josso, Pineau, Delory-Momberger.

* * * * *

Esperamos que o presente texto, produzido a quatro mãos²⁰, seja de utilidade para quem vai iniciar (-se) na aventura de um Pós-Doutorado – tanto para orientando como para orientador. Também para instituições que iniciam-se no oferecimento dessa modalidade de formação, como é o caso do Programa de Pós-Graduação que integro. Para nós, certamente, representa a narrativa de uma associação que deu certo. Mais do que isto, que deixou marcas indeléveis. O real significado e alcance dessas marcas, no entanto, só o tempo e a rememoração reflexionada do que fizemos, do como fizemos, do porque fizemos, do para que fizemos, poderá transformar a vivência narrada no texto em significativa experiência. Nesse sentido, podemos anuir com Manoel de Barros que afirmava sempre compreender o que fazia, depois de fazê-lo.

²⁰ Desejo, a bem da verdade, ressaltar que a ideia dessa narrativa foi de Wolney; ele, muito cavalheirescamente, colocou-me como primeira autora.

Mas nem mesmo essa compreensão é isenta de forças de tensão dialética entre realidade e fantasia, entre rememoração e invenção. Foi o que trouxemos como epígrafe do segundo movimento:

O passado não é estável; ele não acode à memória nem com os mesmos traços, nem com a mesma luz. Apenas se vê apanhado numa rede de valores humanos, nos valores da intimidade de um ser que não esquece, o passado aparece na dupla potência do espírito que se lembra e da alma que se alimenta de sua fidelidade (BACHELARD, 1988, p.99).

O que compreendemos, no momento, é que Wolney e eu somos pessoas diferentes, hoje. Como em toda a relação de trabalho conjunto, que se faça significativa, fomos tocados pelos recíprocos saberes e maneiras de ser de cada um, diferenciando-se – esses saberes – no contubérnio de duas subjetividades que se irmanaram para melhor aprender e produzir conhecimento consistente e com significado, não só para a academia, nem tão somente para a sociedade (formação de professores via Histórias de Vida e Investigação-Formação), mas, igualmente, para ambos os sujeitos da presente narrativa. Nela, o eu e o nós constituem-se não somente como estruturas de linguagem, mas dialeticamente, constituem-se pelo movimento de complementaridade na relação ensinante/aprendente; aprendente/ensinante.

Talvez, em virtude de que:

... , e descobriram/descobrimos: éramos companheiros de travessia, nossa história tinha sido/vinha sendo a mesma. Como se cada um de nós fosse bordando a sua vida, mas, sob diferentes bordados, o risco fosse sempre o mesmo... . Descobri/descobrimos: os meus dias não são meus, são nossos. Sob meus dias, parece estar a vivência de toda uma geração que se educou e educou nas últimas décadas. (SOARES, 2001,p.15-16).

Referências

LADO A

DELORY-MOMBERGER, C. (2008). *Biografia e educação: figuras do indivíduo-projeto*. Natal: EDUFERN, São Paulo: PAULUS.

JOSSO, M. C. Da formação do sujeito...ao sujeito da formação. In: NÓVOA, António; FINGER, Matthias (Orgs.). *O método (auto)biográfico e a formação*. Lisboa: Ministério da Saúde. Departamento de Recursos Humanos da Saúde/Centro de Formação e Aperfeiçoamento Profissional, 1988. p.37-50.

NÓVOA, A. Prefácio. In: ABRAHÃO, M.H.M.B.(org.) *História e Histórias de Vida – Destacados Educadores Fazem a História da Educação Rio-grandense*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004, 2ª Ed

LADO B

BACHELARD, G. *A poética do devaneio*. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

BOLÍVAR, António et al. *La investigación biográfico-narrativa em educación: enfoque e metodologia*. Madrid: La Muralla, S. A., 2001.

DELORY-MOMBERGER, C. *Biografia e Educação: figuras do indivíduo-projeto*. São Paulo/ natal: PAULUS/EDUFERN, 2008.

JOSSO, Marie-Christine. Da formação do sujeito... ao sujeito da formação. In.: NÓVOA, António e FINGER, Mathias. *O método (auto)biográfico e a formação*. Lisboa: MS/DRHS/CFAP, pp. 37-50, 1988.

_____. *Experiências de vida e formação*. Lisboa: EDUCA, 2002.

_____. Os relatos de histórias de vida como desvelamento dos desafios existenciais da formação e do conhecimento: destinos sócio-culturais e projetos de vida programados na invenção de si. In: SOUZA, E. C. de; ABRAHÃO, M. H. M. B. (Orgs.). *Tempos, narrativas e ficções: a invenção de si*. Porto Alegre/Salvador: EDIPUCRS/EDUNEB, 2006. v. 1. p. 21-40.

_____. A realização do ser humano como processo de transformação da consciência: ensinar, acompanhar e aprender – um mesmo desafio para uma vida em ligação. In: TRAVERSINI, C. *Trajetórias e processos de ensinar e aprender: práticas e didáticas*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008, p.17-58.

_____. *Caminhar para Si*. Porto Alegre: EDIPUCRS, no prelo.

LARROSA, J. *Pedagogia Profana: danças, piruetas e mascaradas*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

NÓVOA, A. *Vidas de Professores*. Porto: Porto Editora, 1995.

NÓVOA, A. e FINGER, M. (orgs.). *O método (auto) biográfico e a formação*. Lisboa: Ministério da Saúde, 1988.

POIRIER, J., CLAPIER-VALLADON, S. & RAYBAUT, P. *Histórias de Vida – Teoria e Prática*. Oeiras: Celta, 1995.

RICOEUR, P. *Tempo e Narrativa*. Tomos I, II, III. São Paulo: Papyrus, 1995.

SANTAMARINA, C. & MARINAS, J. M. *Historias de vida y historia oral*. In DELGADO, J. M. e GUTIÉRRES, J. *Métodos y técnicas cualitativas de investigación en ciencias sociales*. Madrid: Síntesis, 1994.

SOARES, M. *Metamemória-memórias: travessia de uma educadora*. São Paulo: Cortez, 2001.
SANTOS, Boaventura de Sousa. *Um Discurso Sobre as Ciências*. Porto: Afrontamento, 2003, 14ª ed..